



Mudanças nas migrações contemporâneas para a Amazônia: indicativos a partir do caso de gaúchos para Roraima

Changes in contemporary migrations to the Amazon: indicative of the case of gauchos to Roraima

Pedro Marcelo Staevie - Professor em Ciências Econômicas e Administração Pública e Políticas Públicas e do curso de Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: pedro.staevie@unila.edu.br.

Resumo

A partir da pesquisa realizada com migrantes gaúchos radicados em Roraima (Boa Vista) que aportaram naquele estado entre 2000 e 2012, abordamos algumas características deste movimento no sentido de entender a continuidade deste fluxo migratório, mesmo com o fim dos “chamarizes” de períodos anteriores. Por meio de relatos orais dos imigrantes, podemos visualizar alguns elementos que acreditamos serem novos no cenário das migrações para a Amazônia brasileira nestes primeiros anos do século XXI.

Abstract

Starting with a research fulfilled with “gaucho” (Rio Grande do Sul state natives) migrants rooted in Roraima (city of Boa Vista) that moved to this state between 2000 and 2012, we have studied some of the basic characteristics of this phenomenon, in the search for understanding the persistence of this migratory flow, even after the end of the previous decades incentives. By interviewing (oral reports) this migrants, we found some aspects which we believe have some novelties at the beginnings of the 21st Century’s migration scenarios towards Brazilian Amazon.

Palavras-chave

Migrações. Transformações. Roraima. Rio Grande do Sul. Contemporaneidade.

Keywords

Migrations. Transformations. Roraima. Rio Grande do Sul. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio buscamos entender, explicar e apontar elementos da migração contemporânea de gaúchos para Roraima, compreendida entre os anos de 2000 e 2012. A questão norteadora do trabalho é explicar o acréscimo no fluxo de gaúchos se dirigindo para Roraima mesmo com o fim dos incentivos e chamarizes dos anos 1970, 1980 e 1990.

Ao conversarmos com pessoas ligadas ao Censo 2010 do IBGE em Roraima fomos informados de que a quantidade de gaúchos residindo no estado poderia chegar a 6.000 indivíduos, mais do que o dobro do constatado pelo levantamento anterior. Os dados retirados do site da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima apontavam para uma população “gaúcha” de 5,0 mil pessoas, sendo 3,0 mil do sexo masculino e 2,0 mil do sexo feminino. Este dado refere-se, segundo a fonte, à PNAD de 2014. Na nossa vivência em Boa Vista detectávamos naquele momento uma maior quantidade de gaúchos na cidade.

No momento da pesquisa (2012), a preocupação recaiu sobre os migrantes gaúchos que chegaram ao estado, em particular na capital Boa Vista, a partir do ano 2000. Entrevistamos imigrados chegados entre 2000 e 2012 (que foram o foco da pesquisa) e, para fins comparativos, alguns que haviam aportado naquele estado ainda nos anos 1970, 1980 e 1990. Mais recentemente, em 2016, sem o formalismo científico necessário, conversamos com 06 migrantes chegados em 2013 e 2015 e, os resultados foram muito próximos dos encontrados na pesquisa propriamente dita. O foco da análise, não abordado neste ensaio, se deu sobre as redes sociais envolvidas no processo migratório. A abordagem das redes sociais na migração é fundamental para entender o fenômeno estudado. Somente por meio desta abordagem poderíamos compreender as motivações que levavam as pessoas a saírem do Rio Grande do Sul e irem para Roraima, no extremo oposto do país, com características socioeconômicas e culturais bastante diferentes.

DESENVOLVIMENTO, MÉTODOS E RESULTADO DA PESQUISA

Até os anos 70 do século passado, o Rio Grande do Sul era considerado o celeiro do país. Com o esgotamento da fronteira agrícola do estado e a redução da produtividade da terra, diversas lavouras importantes para a economia sul-rio-grandense se deslocaram para o Centro-Oeste do país, que irá ocupar lugar de destaque, por exemplo, na produção de grãos, como a soja. Vale lembrar que o estado sulista foi um dos pioneiros e um dos maiores produtores desta leguminosa, juntamente com o Paraná, o estado do Sul com maior número de

nascidos residindo em Roraima (atualmente são cerca de 7,5 mil). Em função dos problemas apontados, milhares de gaúchos deixam o Rio Grande do Sul em direção às novas fronteiras agrícolas do país, no Centro-Oeste e no Norte, aportando em estados da Amazônia brasileira, Mato Grosso, Rondônia e Pará. Estes estados receberam muitos projetos de colonização agrícola, para onde foram boa parte dos gaúchos migrantes. O território (atual estado) de Roraima ficou à margem deste fluxo migratório de sulistas muito em função de sua localização geográfica e da precariedade de acesso, sobretudo no tocante a sua ligação rodoviária com o resto do país. Somente no final dos anos 1970 foi concluída a BR-174 até Boa Vista (Manaus – Boa Vista – Pacaraima). Além disso, a tônica da colonização para Mato Grosso, Rondônia e Pará impediram um afluxo mais significativo de sulistas para Roraima.

Visando mudar este cenário, nos anos 1980, o então governador de Roraima Ottomar de Sousa Pinto vai em busca de gaúchos para colonizarem o estado. É isto que mostra a matéria do Jornal de Boa Vista na edição de 27.07.1980. A matéria intitulada “Governador quer trazer colonos gaúchos para Roraima” trata da reunião realizada no início de julho daquele ano entre Ottomar de Sousa Pinto e Amaral de Souza, então governador do Rio Grande do Sul. O encontro entre os dois governadores ocorreu durante a visita que Ottomar fez à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) para a assinatura de convênios com aquela instituição de ensino. O governador de Roraima demonstrou a intenção de levar gaúchos para projetos de colonização no território, além do desejo de enviar produtores roraimenses ao Rio Grande do Sul para “aprender” com os colonos sulistas. Cabe mencionar que em 1969 se instala em Boa Vista um campus avançado da UFSM, que acaba por contribuir enormemente para a ida de gaúchos para a cidade, capital de Roraima. O campus funcionou até 1985, para onde foram enviados cerca de 3,5 mil alunos e 450 professores da UFSM, em boa parte gaúchos, que acabaram permanecendo ou retornando após um tempo para Roraima. Segundo o site da UFSM, mais de 200 profissionais se estabeleceram em Roraima depois de terem estagiado no Campus Avançado da UFSM e mais de 150 casamentos foram realizados entre ex-estagiários e roraimenses (REVISTA QUERO-QUERO, 1982).

Ainda no que tange ao papel do governador Ottomar Pinto no “chamamento” de gaúchos, um de nossos entrevistados relatou o seguinte:

O Ottomar foi lá em Porto Alegre reunir com o Amaral de Souza, que era governador do Rio Grande do Sul na época. Ele foi pra lá chamar a gauchada pra vir pra cá. Ele queria trazer uns gaúchos pros projetos lá no Taiano. No início tinha muito gaúcho mesmo. Ainda tem. Mas naquela

época tinha mais. O Ottomar que ajeitou pros gaúcho vir pra cá. Só não veio mais porque o G.C. não quis mais a gauchada por aqui. Aí o fluxo de gaúchos diminui. Se fosse pelo Ottomar, tinha muito mais gaúcho aqui (05.10.2011).

Esta afirmação vai ao encontro do que relatou o senhor Evilásio, em entrevista concedida no CTG Nova Querência, em Boa Vista, em 20.11.2011. Ao falar sobre um encontro entre o então governador de Roraima (Ottomar de Sousa Pinto) e o governador do Rio Grande do Sul Amaral de Souza em 1980, no Palácio Piratini, em Porto Alegre, para tratar de um futuro projeto de colonização para o Território, o entrevistado disse o seguinte:

Lá por 1980 o Ottomar foi pro Rio Grande do Sul para se encontrar com o governador Amaral de Souza para chamar a gauchada pra vir prum projeto aqui no Apiaú. Ele sabia que para desenvolver a agricultura aqui tinha que trazer gaúcho pra cá, não tinha outro jeito (Relato de 20.11.2011, no CTG Nova Querência).

Essas iniciativas contribuíram de forma efetiva para o crescimento do número de naturais do Sul do Brasil residentes em Roraima, conforme atestam os dados do IBGE.

Quadro 1 – Nascidos no Sul residentes em Roraima, 1960-1991

UF de nascimento	1960	1970	1980	1991
PR	8	34	431	2.515
SC	13	28	233	548
RS	18	132	700	1.526
Total	39	194	1.364	4.589

Fonte: Censos IBGE

Nota-se que justamente entre 1970 e 1991 é o período em que ocorre um grande incremento de sulistas (gaúchos, paranaenses e catarinenses) morando em Roraima, sobretudo no último intervalo censitário (1980-1991). De um total de apenas 39 sulistas residindo em Roraima em 1960, passa-se em 1991 para quase 4.600, um aumento de quase 120 vezes. Ainda que muito aquém dos valores absolutos observados em outras regiões da Amazônia, o número de pessoas oriundas do Sul morando em Roraima cresceu de forma exponencial, sobretudo entre 1970 e 1991. Destaca-se aí o crescimento de paranaenses residindo em Roraima, muitos deles oriundos das áreas alagadas pelo lago da hidrelétrica de Itaipu, que começa a ser construída em 1974. Também os paranaenses foram alvo de Ottomar de Sousa Pinto, como aponta outra matéria do Jornal de Boa Vista, esta de 14.08.1981:

foi no governo Ottomar de Sousa Pinto que se iniciou a campanha para trazer migrantes brasileiros [...] os paranaenses da região onde será construída a hidrelétrica de Itaipu, são um exemplo típico, pois o governador foi ali, pessoalmente, conversar com eles.

Em termos gerais, Roraima vai experimentar uma ocupação mais intensa apenas com a criação do território federal no ano de 1943. Ao longo das décadas de 1950 e 1960 foram criadas diversas colônias agrícolas, atraindo centenas de pessoas, sobretudo da região Nordeste do país. As colônias em si redundaram em grandes fracassos, mas contribuíram para a expansão populacional de Roraima. Ainda assim, até os anos 1970 o então território federal apresentava ainda uma reduzida população. No Censo daquele (1970) ano a população recenseada foi de pouco mais de 41 mil habitantes. Somente com a febre do ouro no segundo quinquênio dos anos 1980 é que ocorreu o *boom* da imigração para Roraima. Naquela década (1980) a taxa anual de crescimento populacional foi da ordem de 10%. O número de residentes passou de 41.638 em 1970 para 82.018 em 1980 e alcançou 215.950 em 1991.

No início dos anos 1990 o território federal de Roraima foi efetivamente transformado em estado. No mesmo período o garimpo foi considerado ilegal, visto que a maior incidência de metais preciosos encontrava-se em áreas indígenas e de proteção ambiental. Isto foi um baque para a economia roraimense. Muitos garimpeiros retornaram aos seus estados de origem ou seguiram para outras áreas de garimpo na Venezuela ou Guiana. Outros tantos se dirigiram para Boa Vista, inchando ainda mais a cidade, em particular na sua região oeste, área de extrema vulnerabilidade ambiental, dada a quantidade de igarapés e lagos existentes na região. Atualmente, cerca de 80% da população do município vive nesta zona. Ainda durante os anos 1990 ocorreu a farra do serviço público em decorrência da necessidade de aparelhar o novo estado federativo que havia sido recentemente criado¹. Muitas pessoas foram admitidas no serviço público sem concurso, sobrecarregando de cargos comissionados a administração pública do estado. E muitos migraram para Roraima em função da farra do setor público. Assim, uma economia dependente do garimpo tornou-se uma economia dependente do setor público.

Voltando ao caso dos gaúchos, o primeiro movimento migratório mais intenso em direção a Roraima ocorreu nos anos 1970 e 1980, movimento este realizado principalmente por colonos que provavelmente haviam passado por outras áreas de expansão agrícola no Norte (Rondônia, por exemplo) e pessoas

¹ O estado de Roraima foi criado com a Constituição de 1988. Entretanto, somente em 1991 é que o antigo território federal de Roraima se “transforma” em estado federativo.

ligadas ao Campus Avançado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), à Polícia Militar de Roraima e às Forças Armadas. O projeto Rondon como um todo também foi fundamental no deslocamento de gaúchos para Roraima naquelas décadas. Muitos rondonistas depois de formados retornaram definitivamente para Roraima, trabalhando em diversos órgãos públicos e na iniciativa privada. Alguns deles tornaram-se políticos.

E atualmente, o que faz com que os gaúchos se desloquem para Roraima? O que tem atraído os sul-rio-grandenses para Roraima. Assim, buscando compreender este fenômeno entrevistamos 28 gaúchos que haviam chegado a Roraima entre 2000 e 2012. Utilizando como fonte principal os relatos orais da história de vida dos migrantes, buscamos compreender este novo momento da migração de gaúchos para Roraima e destacar alguns elementos novos neste fenômeno. Em um primeiro momento delineou-se a trajetória dos migrantes entrevistados e se levantou algumas características básicas dos mesmos. Ainda que não tenhamos trabalhado com uma amostra probabilística acreditamos que tais conclusões são importantes indicativos da migração atual de gaúchos para Roraima. Não só a pesquisa é um “retrato” da imigração mais contemporânea para Roraima, como serve à compreensão deste movimento na Amazônia brasileira como um todo. Ainda que não nas mesmas dimensões de décadas passadas, a Amazônia continua recebendo um contingente importante de imigrantes oriundos de outras regiões do país. Assim, torna-se imperioso compreender as novas nuances desta imigração mais recente para a Amazônia brasileira.

O Quadro 2 mostra os motivos que levaram os migrantes contemporâneos a saírem do Rio Grande do Sul e o tipo de migração, se direta ou indireta. Consideramos migração direta quando o deslocamento se deu do Rio Grande do Sul diretamente para Roraima e migração indireta se houve algum ponto de residência entre a saída do Rio Grande do Sul e a chegada a Roraima.

Quadro 2 – Tipo de migração e motivos para a saída do Rio Grande do Sul

Número do entrevistado	Tipo de migração	Motivos para a saída do Rio Grande do Sul
1	Indireta	Falta de perspectiva de ascensão profissional no RS
2	Direta	Financeiro
3	Direta	Falta de qualidade de vida. Financeiro
4	Direta	Problemas da cidade grande. Independência dos pais
5	Direta	Problemas da cidade grande. Falta de qualidade de vida
6.	Direta	Instabilidade financeira
7	Indireta	Financeiro

8	Direta	Realização profissional e passional
9	Direta	Dificuldades no estudo. Estudo caro
10	Direta	Financeiro
11	Indireta	Acompanhar a família
12	Direta	Falta de emprego. Concorrência
13	Indireta	Aventura
14	Direta	Financeiro. Independência dos pais
15	Direta	Acomodação. Falta de desafios
16	Direta	Acomodação. Falta de desafios
17	Direta	Financeiro. Falta de desafios
18	Direta	Falta de desafios
19	Direta	Financeiro
20	Direta	Falta de perspectiva de ascensão profissional no RS
21	Indireta	Aventura
22	Direta	Obrigado. Transferência.
23	Direta	Falta de perspectiva de ascensão profissional no RS
24	Direta	Profissional
25	Direta	Problemas de cidade grande. Falta de qualidade de vida. Falta de desafios
26	Indireta	Financeiro. Custo para manter o negócio
27	Direta	Problemas de cidade grande. Acompanhar a namorada. Independência dos pais
28	Direta	Problemas de cidade grande. Falta de qualidade de vida

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos relatos orais (2012)

Pelo quadro acima verificamos que dos 28 entrevistados, somente 6 (seis) – 21% - deles fizeram um movimento indireto, isto é, moraram em um (ou mais) estado antes de chegar a Roraima. Os demais depoentes realizaram uma migração direta, isto é, foram diretamente do Rio Grande do Sul para Roraima, sem nenhuma residência em outro estado antes de aportar no extremo norte do país. Este movimento parece ser distinto do ocorrido nas décadas anteriores, onde o deslocamento indireto parecia ser o mais comum. Nos dias atuais, aproximadamente 80% dos imigrantes gaúchos (da nossa amostra) que foram para Roraima, o fizeram diretamente do Rio Grande do Sul, sem parada anterior. Dito de outra forma, o último local de residência (ULR) destes imigrantes era seu próprio local de nascimento.

No que diz respeito às motivações para a saída do Rio Grande do Sul, encontramos motivos de toda ordem, não necessariamente atrelados a necessidades financeiras. Falta de desafios, acomodação pessoal e problemas de cidade grande estiveram constantemente presentes nos depoimentos dos entrevistados.

O Quadro 3 mostra os municípios que foram último lugar de residência dos migrantes entrevistados, além das mesorregiões, microrregiões e COREDES² dos respectivos municípios, além do pertencimento ou não dos mesmos à Região Metropolitana de Porto Alegre. O quadro nos mostra vários detalhes do local de procedência dos migrantes, ajudando a compreender as características e movimentos deste novo fluxo migratório de gaúchos para Roraima.

Quadro 3 – Municípios ULR no Rio Grande do Sul, mesorregiões, microrregiões, COREDES, população do município e pertencimento à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) – 2012

Município	Fre- quência	Mesorre- gião	Microrre- gião	COREDES	Popula- ção	RMPA
Alegrete (*)	01	Sudoeste RS	Campanha Occidental	Fronteira Oeste	77.653	Não
Ametista do Sul	01	Noroeste RS	Frederico Westpha- len	Médio Alto Uruguai	7.323	Não
Augusto Pestana	01	Noroeste RS	Ijuí	Noroeste Colonial	7.096	Não
Cachoeira do Sul	01	Centro -Oriental RS	Cachoeira do Sul	Jacuí Centro	83.827	Não
Esteio	01	Região Me- tropolitana	Porto Ale- gre	Vale do Rio dos Sinos	80.755	Sim
Farroupilha	01	Nordeste RS	Caxias do Sul	Serra	63.635	Não
Ijuí	01	Noroeste RS	Ijuí	Noroeste Colonial	78.915	Não
Nova Hartz	01	Região Me- tropolitana	Porto Ale- gre	Vale do Rio dos Sinos	18.346	Sim
Novo Hamburgo	03	Região Me- tropolitana	Porto Ale- gre	Vale do Rio dos Sinos	238.940	Sim
Porto Alegre	03	Região Me- tropolitana	Porto Ale- gre	Metropoli- tano Delta do Jacuí	1. 409.351	Sim
Rodeio Bonito	01	Noroeste RS	Frederico Westpha- len	Médio Alto Uruguai	5.734	Não
Rondinha	01	Noroeste RS	Frederico Westpha- len	Rio da Várzea	5.518	Não

² Conselho Regional de Desenvolvimento. Para maiores informações ver <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/>.

Taquara	01	Região Metropolitana	Gramado-Canela	Paranhana-Encosta da Serra	54.643	Sim
Torres	01	Região Metropolitana	Osório	Litoral	34.656	Não
Viamão	02	Região Metropolitana	Porto Alegre	Metropolitano-Delta do Jacuí	239.384	Sim

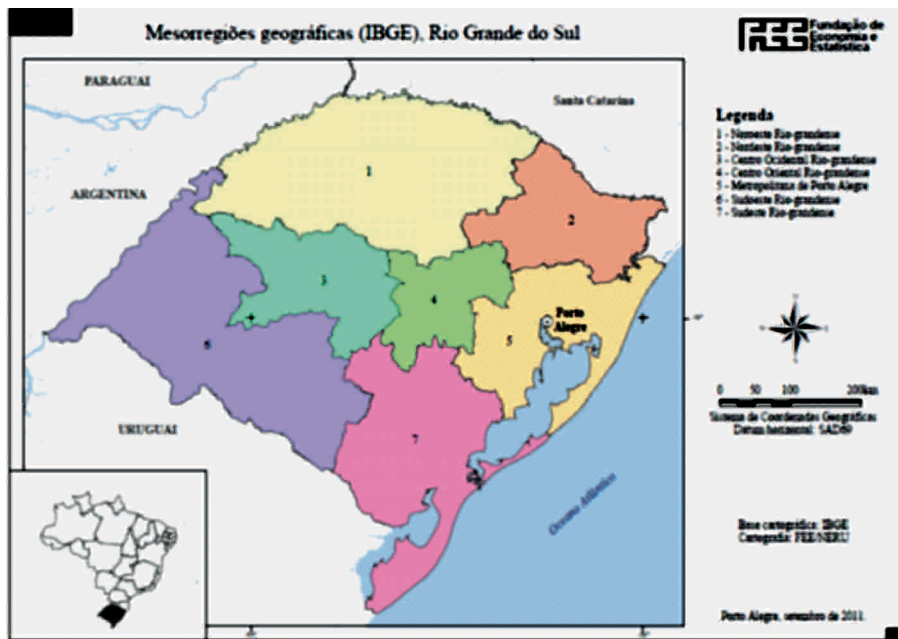
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da FEE.

* Este migrante fez o movimento direto, mas primeiro foi residir no interior de Roraima e depois se mudou para a capital, Boa Vista.

No Quadro 3 verificamos uma incidência importante das regiões Noroeste e Metropolitana de Porto Alegre como último lugar de residência dos imigrantes pesquisados. Como afirma Souza (2001; 2004), a migração só pode ser entendida se compreendermos que ela é resultado de fatores estruturais, conjunturais e individuais. Frequentemente têm ocorrido nos últimos anos fortes estiagens no RS, resultando em constantes quebras de safra agrícola, contribuindo para o declínio econômico da chamada Região da Produção (Noroeste) no Rio Grande do Sul, historicamente perdedora de população. A maior parte da produção de grãos do estado é colhida nestas áreas. Esta situação vem exercendo grande pressão sobre as famílias, que são obrigadas a tentar a vida em outras regiões do país. Três de nossos imigrantes entrevistados relataram ter sido justamente este o fator preponderante de suas saídas do Rio Grande do Sul, embora admitam que suas idas para Roraima tenham se dado em função de convites de amigos ou parentes. Chegam a relatar que não sabiam nem onde ficava o futuro estado de destino.

Entretanto, a mais expressiva região “fornecedora” de migrantes gaúchos para Roraima, segundo nosso levantamento, foi a mesorregião Metropolitana de Porto Alegre. Dos 28 imigrantes da pesquisa, 12 deles tinham como último local de residência imediatamente antes de irem para Roraima esta mesorregião. E mais, destes 12, 10 (dez) deles eram procedentes da microrregião de Porto Alegre, e, mais especificamente, 11 residiam antes de chegar a Roraima em algum município da Região Metropolitana de Porto Alegre. Aqui aparece um elemento novo na migração gaúcha para Roraima nesta última década. A Figura 1 mostra as diferentes mesorregiões geográficas do Rio Grande do Sul, definidas pelo IBGE.

Figura 1: Mapa das mesorregiões geográficas (IBGE) do Rio Grande do Sul



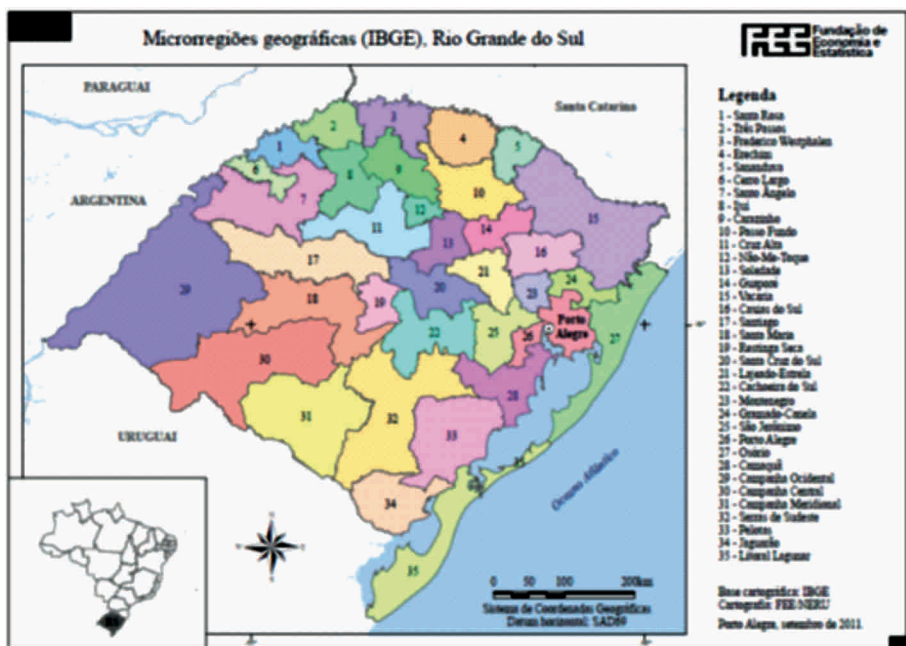
Fonte: FEE (2015)

O próximo mapa (Figura 2) mostra as distintas microrregiões do estado do Rio Grande do Sul, num total de 35. As microrregiões 1 a 13 pertencem à mesorregião 1 (Noroeste Rio Grandense). Esta é a mesorregião com o maior número de municípios (216). As micro 14 a 16 fazem parte da mesorregião 2, Nordeste Rio-Grandense. Já as microrregiões 17, 18 e 19 compõem a mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense (nº 3), ao passo que as microrregiões 20, 21 e 22 pertencem à mesorregião de número 4, a Centro Oriental. Temos ainda as microrregiões 23 a 28, pertencentes à mesorregião 5, Metropolitana de Porto Alegre – que possui a maior população. Por fim, as microrregiões 29, 30 e 31 correspondem à mesorregião Sudoeste (nº 6) e as de 32 a 35 fazem parte da mesorregião Sudeste Rio-grandense (nº 7), que compõem a totalidade dos municípios fronteiriços ao Uruguai.

Tomando como referência os trabalhos de Souza (2001; 2004), Amorim (1996) e os levantamentos feitos nos arquivos do Jornal de Boa Vista, observou-se que a Região Metropolitana de Porto Alegre não aparecia como uma zona de origem de imigrantes. Ainda que essas fontes tenham suas especificidades, não podemos descartar que este seja um elemento novo na migração contemporânea de gaúchos para Roraima (a relevância da Região Metropolitana de Porto Alegre

como “fornecedora” de imigrantes para Roraima). Também nas entrevistas e conversas informais com os gaúchos pioneiros (chegados a Roraima nos anos 1970 e 1980), em nenhum momento foi citado algum gaúcho que teria vindo de Porto Alegre e de seus arredores. Sem dúvida nossa amostra não é probabilística e assim não podemos afirmar categoricamente que a região metropolitana de Porto Alegre seja hoje um espaço “fornecedor” de imigrantes gaúchos para Roraima, mas não se pode desconsiderar os indícios encontrados na pesquisa.

Figura 2: Mapa da microrregiões geográficas do Rio Grande do Sul (IBGE)



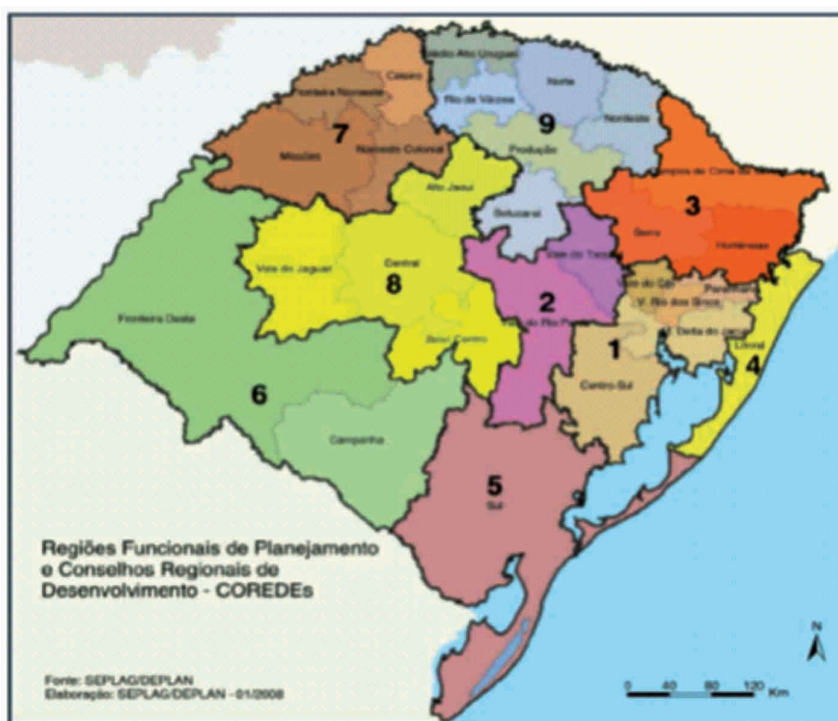
Fonte: FEE (2015)

As mesorregiões Sudeste e Sudoeste possuem as microrregiões com o menor número de municípios. Na microrregião de Jaguarão (meso Sudeste) são apenas três municípios (Arroio Grande, Herval e Jaguarão). Já as microrregiões Litoral Lagunar e Campanha Central, nas mesorregiões Sudeste e Sudoeste, respectivamente, são formadas somente por quatro municípios cada. Já as com maior número de municípios são a micro Lajeado-Estrela (31 municípios) e Erechim (30 municípios), nas mesorregiões Centro-Oriental e Noroeste, respectivamente.

Apenas para fins comparativos, o mapa a seguir apresenta as regiões funcionais de planejamento e os diferentes Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) do Rio Grande do Sul. Criados pela Lei nº

10.283, de 17 de outubro de 1994, os COREDES têm por objetivo a promoção do desenvolvimento regional, harmônico e sustentável, por meio da integração dos recursos e das ações de governo na região, visando a melhoria da qualidade de vida da população, a distribuição equitativa da riqueza produzida, ao estímulo à permanência do homem em sua região e à preservação e recuperação do meio ambiente. Competem aos COREDES as seguintes atribuições, dentre outras: promover a participação de todos os segmentos da sociedade regional no diagnóstico de suas necessidades e potencialidades, para a formulação e a implementação das políticas de desenvolvimento integrado da região; elaborar planos estratégicos de desenvolvimento regional; manter espaço permanente de participação democrática, resgatando a cidadania, através da valorização da ação política; constituir-se em instância de regionalização do orçamento do Estado, conforme estabelece o art. 149, parágrafo 8º, da Constituição do Estado; orientar e acompanhar, de forma sistemática, o desempenho das ações dos Governos Estadual e Federal na região; e respaldar as ações do Governo do Estado na busca de maior participação nas decisões nacionais (www.fee.rs.gov.br).

Figura 3: Mapa das Regiões Funcionais de Planejamento e COREDES Rio Grande do Sul (FEE)



Fonte: FEE (2015)

A explicação para que haja uma quantidade importante de pessoas deixando a Região Metropolitana de Porto Alegre passa por questões levantadas por autores como Brito (2007), no sentido de que as regiões metropolitanas vêm reduzindo os seus atrativos em função de diversos problemas como violência, trânsito, falta de emprego etc.

A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) é composta por 31 municípios e possui uma população total de aproximadamente 4,2 milhões de habitantes. Suas cidades mais populosas são Porto Alegre (1,45 milhão), Canoas (330 mil), Gravataí (260 mil), Viamão (250 mil), Novo Hamburgo (250 mil) e São Leopoldo (225 mil), que somadas possuem uma população residente de 2,76 milhões de habitantes. Possui uma economia bastante diversificada, destacando-se na atividade industrial os setores químico e petroquímico, de refino de petróleo, automobilístico, materiais elétricos e de transportes, metalúrgico, de *hardwares* e suprimentos de informática, automação industrial, robótica, alimentícios, coureiro-calçadista, dentre outros.

À exceção de Viamão, as cidades acima citadas podem ser consideradas o núcleo duro da economia da RMPA, pois são sedes das principais empresas dos setores mencionados anteriormente. Apenas alguns exemplos ilustrativos: em Canoas se encontra a Refinaria de Petróleo Alberto Pasqualini, da Petrobrás, em Novo Hamburgo está instalada a empresa Basf e várias do setor coureiro-calçadista e em Gravataí existe uma montadora de automóveis da General Motors do Brasil. Aliás, Gravataí conta com o distrito industrial que é um dos mais importantes do país.

Entretanto, as maiores virtudes destas cidades desapareceram diante da violência urbana, do desemprego, das dificuldades de acesso aos serviços públicos básicos, como transporte, saneamento e moradia. As externalidades positivas das grandes cidades, particularmente das regiões metropolitanas foram superadas pelas externalidades negativas. O mercado de trabalho tornou-se extremamente rígido e competitivo, com uma cadeia de pré-requisitos educacionais e de treinamento extremamente excludentes (BRITO, 2007). Por outro lado, a ampliação da oferta de vagas no ensino superior e o crescimento dos cursos técnicos profissionalizantes aumentaram significativamente o número de pessoas qualificadas para o mercado de trabalho, contribuindo para uma maior concorrência pelas vagas de emprego. Nos últimos anos, houve também um crescimento no valor dos imóveis nas principais capitais do Brasil, principalmente após os grandes eventos esportivos, como a copa do mundo, da qual Porto Alegre foi uma das sedes. Ainda no que concerne particularmente a Porto Alegre, esta tem apresentado recorrentemente os maiores índices de custo de vida nas regiões metropolitanas pesquisadas pelo

IBGE, em particular na cesta básica de consumo.

Tem ocorrido ainda, nos últimos anos, uma descentralização da atividade produtiva das regiões metropolitanas (RM) em direção aos municípios do interior, gerando um processo de desconcentração regional. Está ocorrendo um processo denominado de “deseconomias de escala e de aglomeração” nas grandes cidades, advinda da falta de oportunidades laborais, da violência urbana, de maiores exigências para a inserção no mercado de trabalho, da poluição, do trânsito, da falta de saneamento básico e da fragilidade das políticas públicas em diversos setores. Isto tem concorrido não só para a mudança na direção das migrações no país, como contribui para a emigração de residentes das RM para outras áreas não metropolitanas.

Constatamos, por meio dos depoimentos, que fatores relacionados com os problemas dos grandes centros urbanos contribuem para saída de pessoas destas cidades. Um fato a destacar aqui se relaciona com a dinâmica da região metropolitana, onde as cidades do entorno do centro – no caso Porto Alegre – acabam por se tornar cidades dormitório, obrigando aos trabalhadores a realizarem diariamente movimentos pendulares entre os dois lugares. É isto que revelam alguns depoimentos de nossos entrevistados:

Eu saí de Porto Alegre não foi por causa de falta de dinheiro, não foi pela questão financeira. Tenho a minha família, meu filho, minha mulher. Eu, eu quero tá mais perto e isso foi o que me fez sair de Porto Alegre. Eu tinha minha oficina em Porto Alegre, mas morava em Viamão. Pra eu morar em Porto Alegre, no bairro que eu queria, que era a Cidade Baixa, onde ficava minha oficina, não dava. Lá só morando em apartamento e eu não ia sair da minha casa em Viamão pra morar num apartamento. A minha casa era muito boa, num lugar bom. Não queria trancar meu filho num apartamento. Eu queria tá próximo dele. Isso até poderia acontecer em Porto Alegre, mas as dificuldades são as distâncias. A dificuldade da distância acabou afastando a família. Eu cheguei a ficar dois dias sem ver meu filho. Preocupação com o meu filho. O que está ocorrendo aqui? A questão das drogas, da violência. Estudo a gente podia dar lá, mas os problemas eram esses (Sr. Matuzalém, 47 anos, mecânico, residente em Roraima desde 2010) (05.01.2012).

Já o senhor Sepé Tiaraju, 40 anos, servidor público e residente em Roraima desde 2011 nos conta que:

Eu trabalhava na Caixa em Porto Alegre, mas morava em Viamão. Tava cansado daquela correria de Viamão, Porto Alegre, trânsito, buzina, violência. Eu queria continuar estudando, por causa da minha vida lá no sul eu parei uns 10 anos. Aí entrei na Caixa e consegui voltar a estudar, mas não conseguia avançar. O trabalho no banco me consumia muito, chegava

cansado e não dava pra estudar mais. Podia ter permanecido na CEF lá no sul, o salário não era grande coisa, mas juntando com o dela (referindo-se a esposa) dava pra viver. Mas eu queria estudar mais e nem meu trabalho nem o ritmo da cidade me permitiam isso. Lá eu ficava mais de uma hora no trânsito pra ir trabalhar e mais uma hora e tanto pra voltar pra casa (11.12.2011).

Analisando os dados levantados por meio das entrevistas com os 28 imigrantes depoentes, chegamos a números que nos ajudam a entender as transformações em curso no movimento migratório de gaúchos em direção a Roraima. Estas conclusões podem dar bons indícios não só das transformações deste fenômeno no estado analisado, como também para outros estados da Amazônia brasileira, ainda bastante receptora de imigrantes, mesmo que não nas mesmas dimensões de outrora.

Os migrantes entrevistados, em sua maioria, eram solteiros, nas suas chegadas a Roraima, o que pode indicar um perfil diferente daquele dos chegados nas décadas de 1970 e 1980.

Praticamente 65% dos entrevistados ou possuíam nível superior ou cursavam este grau de ensino nas suas chegadas a Roraima. Isto também pode representar um componente novo desta migração.

Quase 79% dos entrevistados fizeram migração direta, isto é, seus últimos locais de residência antes de Roraima eram municípios do Rio Grande do Sul. Aqui também visualizamos uma possível diferença em relação aos gaúchos pioneiros, que foram “subindo” em busca de melhores oportunidades até chegar a Roraima.

Praticamente 40% dos entrevistados eram procedentes da Região Metropolitana de Porto Alegre. Este elemento, como bem destacamos, também parece ser um elemento novo na migração atual.

Ademais, chamou atenção o fato de muitos entrevistados terem ido para Roraima para poderem entrar numa faculdade ou darem continuidade aos seus estudos neste nível de ensino. A menor dificuldade e concorrência nos processos seletivos das universidades públicas e as reduzidas mensalidades praticadas nas faculdades particulares em Boa Vista se comparadas às aplicadas no Rio Grande do Sul são os principais “chamarizes” para estes migrantes. A facilidade logística no deslocamento para as faculdades/universidades em razão do porte da cidade também foi lembrada por alguns dos depoentes como um elemento que ajuda na permanência em Roraima para estudar.

Estas conclusões podem estar relacionadas com a procedência urbana da maior parte dos entrevistados e da sua residência atual também urbana. Se

fizéssemos este levantamento junto aos assentados em projetos de colonização agrícola as conclusões poderiam ser distintas. Assim, nossas conclusões dizem respeito muito mais aos migrantes residentes em Boa Vista. Ainda assim são indicadores interessantes para se pensar nas transformações em curso nos processos migratórios em direção à Amazônia brasileira.

Entretanto, admite-se uma importância muito grande das redes sociais neste novo momento migratório. Somente por meio das redes os migrantes puderam saber que Roraima tinha uma faculdade mais barata, que era mais fácil de entrar ou que ali a cidade era mais tranquila e que se poderia conviver sem trânsito, sem violência, sem estresse.

CONCLUSÃO

Em suma, a partir de pesquisa realizada com gaúchos que chegaram a Roraima entre 2000 e 2012, o presente artigo busca apresentar algumas características novas neste fluxo migratório contemporâneo. Usando a história oral como metodologia de trabalho, reescreveu-se a trajetória destes migrantes e se verificaram elementos distintos daqueles relacionados à migração dos gaúchos que para Roraima haviam se deslocado em décadas anteriores. Não é demais reforçar as “novidades” mais importantes que encontramos em nossa pesquisa.

A maioria dos migrantes entrevistados eram solteiros nas suas chegadas a Roraima, o que pode indicar um perfil diferente daquele dos chegados nas décadas de 1970 e 1980. Os gaúchos chegados neste período (1970 e 1980) que entrevistamos eram todos casados no momento de suas chegadas em Roraima.

Aproximadamente 65% dos entrevistados ou possuíam nível superior completo ou cursavam o ensino superior quando de suas chegadas a Roraima. Isto também pode representar um componente novo desta migração.

Aproximadamente 79% dos entrevistados fizeram migração direta, isto é, seus últimos locais de residência antes de Roraima eram municípios do Rio Grande do Sul. Aqui também visualizamos uma possível diferença em relação aos gaúchos pioneiros, que provavelmente haviam “tentado a sorte” em outros locais antes de irem para Roraima. Seus deslocamentos caracterizavam mais uma estratégia de sobrevivência.

Praticamente 40% dos entrevistados eram procedentes da Região Metropolitana de Porto Alegre. Este elemento também parece ser um componente novo na migração atual. Como dito, em pesquisas realizadas junto à hemeroteca do estado, em trabalhos científicos e por meio dos entrevistados “pioneiros”, a RM de Porto Alegre não aparecia como “fornecedora” de imigrantes gaúchos

para Roraima nas décadas anteriores. A região Noroeste se destacava como o principal campo emigratório de gaúchos para Roraima.

Ademais, parece bastante razoável que, a partir dos relatos dos entrevistados, Boa Vista tenha se tornado uma cidade de atração de futuros estudantes universitários. Essa afirmação vai ao encontro de relatos feitos pelo diretor do IBGE de Roraima em veículos de comunicação do estado.

Mesmo sabendo que temos uma amostragem não probabilística, acreditamos que estas conclusões aqui descritas podem, além de contribuir para o entendimento das transformações em curso nos movimentos migratórios no estado pesquisado (Roraima), também possam dar pistas sobre estas mudanças no âmbito da Amazônia brasileira.

REFERÊNCIAS

AMORIM, L. A. G. de. **Gaúchos migrantes**: etnografia sobre a migração gaúcha para Roraima. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Centro de Ciências Sociais e Geociências, UFRR, Boa Vista, 1997.

BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Taller CELADE de Migración Interna, Brasília, 2007: **Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população**: um breve ensaio além dos números.

CROCIA DE BARROS, N. C. **Roraima**: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1995.

_____. Mobilidade populacional, fronteira e dinâmica das paisagens na Amazônia: o caso de Roraima – Brasil. **Seminário Populações amazônicas: tendências e perspectivas**. Manaus, 1996.

FEE - Fundação de Economia e Estatística. Disponível em: <www.fee.rs.gov.br>. Acesso em: 06 mar. 2015.

GOVERNADOR de Roraima quer trazer colonos gaúchos. **Jornal de Boa Vista**, Boa Vista, edição de 27.07.1980, 1981.

IBGE. **CENSOS 1970 e 2010**. Rio de Janeiro, 2010

REVISTA QUERO – QUERO. Órgão oficial da Universidade Federal de Santa Maria, ano IX, n. 34, out., 1982. Santa Maria: UFSM.

SOUZA, Carla Monteiro de. Migração e memória: (re)territorialização e inserção social entre gaúchos residentes em Roraima. **Revista Vivência**, Natal, n. 33, p. 105-120, 2008.

———. **História, memória e migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos em Roraima**. 2004. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

———. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

STAEVIE, P. M. A importância das redes sociais na migração de gaúchos para Roraima no início do século XXI. In: ARAGÓN, L. E. (org.). **Migração Interna na Pan-Amazônia**. Belém: Editora do NAEA, 2013.

———. A importância das redes sociais na migração de gaúchos para Roraima no início do século XXI. In: ARAGÓN, L. E. (Org.). **Migração Interna na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA, 2013. p. 141-155.

———. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

———. **Redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. Editora da UFRR: Boa Vista, 2014.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Matuchos - exclusão e luta: do Sul para a Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

Texto submetido à Revista em 14.10.2016

Aceito para publicação em 13.02.2017